

Medida paliativa não adianta

A enorme concentração de monóxido de carbono que usuários e funcionários da estação rodoviária suportam diariamente está sendo encarada como um problema quase sem solução, caso as autoridades insistam em medidas paliativas. Esta é a opinião de alguns passageiros e empregados das diversas lojas instaladas na plataforma inferior de embarque e desembarque, local classificado como uma espécie de câmara de gás "para um morte lenta e coletiva", como observou um usuário.

A preocupação pelo aparecimento de doenças é uma constante na vida de quem passa no local oito horas por dia. Alguns, como é o caso de Maria Wanderléa — caixa de uma loja de artesanato — já se adaptaram ao problema e não percebem o risco de respirar o gás venenoso expelido diariamente por dezenas de ônibus. "Tenho a impressão que o meu pulmão já se acostumou, neste período de um ano e quatro meses que trabalho aqui", diz. Maria confirma, entretanto, ser grande o número de pessoas que se queixam de dor de cabeça, irritação nos olhos e de outras mazelas causadas pela poluição.

Neusa Regina, caixa de uma frutaria, lembra que a cada meia hora em média saem seis ônibus, deixando para trás uma nuvem de fumaça negra. "E como nem sempre os exaustores ficam em funcionamento, nos é que respiramos a fumaça", observa. Contudo Neusa Regina acredita que em pior situação estão os que trabalham ali no turno da tarde e entram pela noite, porque o movimento de chegada e saída de ônibus é maior. E nos feriados prolongados o grau de poluição no local aumenta.

"Eu já estou pensando no feriado do próximo dia 12 (dia da padroeira do Brasil, N. S. Aparecida) e posso imaginar como vai ficar isto aqui.

Para Neusa Regina, a transferência dos ônibus interurbanos para a rodoviária foi algo que não deu certo. Ela acha o problema "de difícil solução", da mesma forma que Rosângela Pereira, funcionária de uma loja de artigos fotográficos. Entretanto, se os exaustores ficarem ligados permanentemente a situação seria menos grave. "O que fazer, se temos que trabalhar", indaga, por sua vez, Francisca Paulina, um ano e oito meses trabalhando numa

pipoqueira na plataforma inferior. A seu ver, o gás venenoso é motivo de reclamações até mesmo dos que não trabalham no local. "Quem passa por aqui somente para viajar ou esperar alguém sente o mesmo drama e fica perguntando como é que a gente aguenta essa fumaça". Ela concorda com o grande número de empregados que defendem o fornecimento de leite para quem enfrenta várias horas de intoxicação na poluída plataforma inferior da rodoviária.

Abstrato

"Olhe para o teto e veja se essa é a cor normal do cimento", observou um usuário que não quis se identificar, por razões óbvias (ele é militar), ao ser abordado pela reportagem do Jornal de Brasília sobre a poluição na rodoviária. O militar estava apenas há 15 minutos à espera de um parente procedente de Maceió, mas já se queixava da dor de cabeça. "Não tenho problemas de sinusite e não estou gripado. Portanto, não se pode atribuir minha dor de cabeça a outra coisa que não seja o monóxido de carbono", disse.

Para ele, é um absurdo a construção de uma rodoviária subterrânea. O militar, que é ligado a um setor de engenharia no seu quartel, cita o metrô do Rio e de São Paulo como exemplo da preocupação pela renovação de ar em ambientes fechados. "Veja que o metrô não queima combustível. E mesmo assim mantém exaustores possantes".

Outra falha apontada pelo usuário é a entrada do túnel de acesso à plataforma de embarque e desembarque, que não deveria ser na mesma direção da saída. Este alinhamento, de acordo com o militar, dificulta a circulação de ar em virtude da pressão exercida dos dois lados. "Se você ficar no meio do túnel verá que não há corrente de ar nenhuma", acrescenta. Ele indaga por que não deixaram a rodoviária na superfície e lembra que em Brasília, ao que parece, convencionou-se manter os carros embaixo da terra.

— Todas as garagens de prédios são subterrâneas. E no prédio onde moro lembra esta rodoviária, pois é impossível ficar muito tempo na garagem. Se resolveram botar os ônibus aqui embaixo por uma questão de estética, tudo bem. Mas a saúde das pessoas é muito mais importante, concluir o militar.